

A Correspondência Entre Sá de Miranda e Jorge de Montemor*

Marcia Maria de Arruda Franco**

RESUMO: Na correspondência entre Sá de Miranda e Jorge de Montemor surpreendem-se os fatores da expressão luso-castelhana na primeira metade do século XVI, a saber: o favor das princesas castelhanas; a difusão e a melodia do idioma de Castela, e a defesa do ponto de vista lusitano.

Mais do que línguas românicas, o português e o espanhol são línguas ibéricas. Houve um tempo, mais ou menos entre 1440 e 1640, em que os autores portugueses escreviam em castelhano, produzindo uma literatura dita “luso-castelhana”. Para os autores ibéricos da primeira metade do século XVI, a autonomia política dos reinos não implicava uma diversidade cultural peninsular: a defesa dos valores lusitanos foi feita em latim e/ou em castelhano. Os únicos que defenderam a língua portuguesa foram os gramáticos quinhentistas e António Ferreira. No século XVII, em decorrência da União Ibérica, haverá uma condenação da prática luso-castelhana. Mas é só mais tarde, durante o Romantismo, que a defesa da identidade lusíada será indissociável da defesa da língua portuguesa para a expressão poética

*Recebido para publicação em junho de 1998.

**Prof. de Literatura Portuguesa na UFOP. Pesquisa financiada pela Fundação Calouste Gulbenkian (1995)

Em sua correspondência, os pastores portugueses do Mondego estão presos ao primado do castelhano para a expressão poética. Jorge de Montemor, autor de *A Diana*, obra luso-castelhana de projeção européia, escreve a Sá de Miranda, pedindo-lhe a sua ciência.

Segundo Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1885:849), nessa correspondência, os dois autores tratam-se como igualmente ilustres. Tal equivalência parece se sustentar na superioridade da ciência mirandina, contraposta à superior melodia dos versos de Montemor. A biografia de Montemor é relatada (vv 55-120); o músico e poeta luso-castelhano de maior sucesso nesse período de quinhentos assume o ponto de vista afetivo do Mondego, mas, por declarar não ter feito estudos clássicos em Coimbra, vem pedir conselho ao douto Sá de Miranda, poeta humanista versado nas letras antigas: se volta para os braços de sua Marfida, se fica em Portugal na corte da princesa D. Joana:

“Si con tu musa quieres acudir me,
 Gran Francisco de Sá, darás me vida,
 Que de la mia estoi para partir me.
 De tu ciencia en el mundo florecida
 Me comunica el fruto deseado,
 I mi musa será favorecida.
 Pues entre el Duero i Miño está encerrado
 De Minerva el tesoro, a quien iremos
 Si no es a ti do está bien empleado?”¹

O conselho de Sá de Miranda diante do dilema de Montemor é de que o músico deve continuar em Portugal. Sá de Miranda, sem deixar de pedir perdão por isso, trata Marfida como um tópico poético (a musa imortalizada pela obra do poeta):

¹MONTEMOR, in Vasconcelos (1885: 657)

“Con que palabras te podré rogar
 (Sea con gran perdon de quien te llama)
 Que no nos quieras tan presto dejar?
 Marfida, el fuego tuio i dulce llama
 Havrá por bien de ser aca cantada;
 Do no vino en persona, venga en fama!”²

A correspondência trocada em língua espanhola aponta para alguns aspectos configuradores da expressão luso-castelhana, como o favor das princesas de Castela que se casaram com reis e príncipes portugueses. Este é um dos fatores que contribuiu para o estabelecimento do castelhano como idioma de corte e de cultura em Portugal. D. Joana trouxe Montemor, como músico aposentado com pensão de 40\$000 réis ³, quando veio para Portugal a fim de se casar com o príncipe D. João:

“En este medio tiempo la estremada
 De nuestra Lusitania gran princeza
 En quien la fama siempre está ocupada,
 Tuvo, señor, por bien de mi rudeza
 Servir se, un bajo ser alevantando
 Com su saber estraño i su grandeza,
 En cuia casa estoi ora, pasando
 Con mi cansada musa ora en esto,
 Ora de amor i ausencia estoi quejando,
 Ora mi mal al mundo manifiesto;
 Ora ordeno partir me, ora me quedo;”⁴

Na resposta, Sá de Miranda aconselha o autor d’*A Diana* a permanecer com essa mecenas, chamando a atenção para a grande sorte de Montemor em ser agraciado com o mecenas:

²Sá de Miranda, in VASCONCELOS (1885: 459)

³VIEIRA, 1966. p. LIV

⁴Montemor, in VASCONCELOS (1885: 656)

“Levanta los sentidos al amparo
 Tan seguro i tan alto, como tienes
 De esta princesa nuestra, un sol tan claro;
 No seas como muchos que sus bienes
 Bien no conocen; mira que acontece
 A pocos lo que a ti, si bien te avienes.”⁵

Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1885: 849) data a correspondência de 1552. Ela só pode ter-se dado nos meses em que a infeliz mãe de D. Sebastião esteve em Portugal, entre dezembro de 1552 e janeiro de 1554. O príncipe D. João, seu esposo por tão pouco tempo, convém lembrar, pediu a Sá de Miranda que lhe enviasse as suas obras completas, o que foi feito entre 1550 e 1553. Encabeçando cada uma das três remessas, o poeta coloca um “meta-soneto” dedicado ao príncipe. Muitos poetas quinhentistas louvam o casal de mecenas. António Ferreira escreve-lhe uma ode. Jorge de Montemor no meio do seu romance pastoril, no canto de Orfeu, faz o elogio da princesa. Por fim, o próprio Sá de Miranda escreve uma elegia à morte do príncipe D. João.

Outro aspecto da expressão luso-castelhana, presente na correspondência, diz respeito à prerrogativa humanística de difusão das Letras como meio de formação do novo homem, ou seja, o maior número de leitores do espanhol no império de Carlos V e Filipe II condicionaria a escolha da língua espanhola como meio universal de expressão e de difusão do ponto de vista lusitano: “La nuestra Lusitana a lejos tierras / se va de boca en boca, seno en seno!” (Ibidem).

Montemor em suas obras leva o ponto de vista da Lusitânia ao resto da Ibéria, não só através do romance pastoril, mas também através do seu cancionero, em que é cantado o amor de Lusitano por Marfida, referida na correspondência como a amada de Montemor que ficara na “Gran Hesperia”. O mesmo dirá em seu cancionero:

⁵Sá de Miranda, in VASCONCELOS (1885: 459)

“Las celebradas ninfas del Mondego
encima de sus ondas se levanten,
sintiendo del amor el vivo fuego,
y con su amargo lloro el mundo espanten.”⁶

Montemor defende o lusitanismo e expressa o ponto de vista pastoril do Mondego: o lirismo-amoroso, feito de vivo fogo e de amargo choro, como a façanha dos navegadores portugueses, espantar o mundo.

Voltando à correspondência, Sá de Miranda contrasta a loucura dos seus pastores (Diego, Andrés e Alexo) e a boa sorte de Marfida. Neste passo da carta a Montemor, Sá de Miranda se refere a Diego, o pastor adiante mencionado da “Fábula do Mondego”, que enlouquece de amor. Montemor, com sua Marfida, teria melhor fortuna que o próprio Sá de Miranda, com os gritos vãoos de seu Diego:

“Oh buen Mondego que en la Estremadura
Nuestra a Neptuno pagas el tributo
Devido, como huviste gran ventura!
Al fin, diré, del mundo has dado un fruto
Que lo inche de odor todo, i que levanta
Del campo i sierras niebla, el campo a enjuto.
Mientras tañiendo va, mientras el canta
La su Marfida por los campos llanos
De tus aguas regados, quien no espanta?
Por donde (un tempo fue) mil gritos vanos
El mi Diego espargió sin alvedrio
De amor atado alli de pies i manos.
Estotro com mejor suerte el tu rio
Pasó, los altos puertos, buelve lleno
De mucha gloria al nido suio i mio.”⁷

⁶Montemor, in VIEIRA (1966: LXIV)

⁷Sá de Miranda, in VASCONCELOS (1885: 455-6)

É clara a defesa do lusitanismo através da poesia pastoril: ambos, como pastores que passaram a mocidade na planície do Mondego - o campo de Hércules, que envolve Montemor, Coimbra, Buarcos e Formosélia⁸ -, afirmam um “sentimento de pertença”, base para a construção da visão de mundo de cada poeta. Tratada na resposta mirandina como um ponto em comum entre ele e Jorge de Montemor, a identidade pastoril aponta para a criação de um olhar lusitano na produção luso-castelhana, num momento em que a língua poética não é condicionante da identidade nacional:

“Vezino a aquel tu Monte do has nacido,
Cogi este aire de vida, i del Mondego
Tan clara i tan sabrosa agua he bevido.
Asiento de las musas, tras el ciego
Niño que vuela, perdi el tiempo andando,
Uno de los sus locos, no lo niego.”⁹

Se Montemor gastou o seu tempo com a música (“En musica gasté mi tiempo todo”, v. 76 da carta de Montemor), Sá de Miranda perdeu o seu andando, isto é, atrás do amor vivido como loucura. Montemor viveu o seu amor paixão por Marfida, que o levou para a gran Hesperia:

“Para la gran Hesperia fue la via
Ado me encaminava mi ventura
I ado senti que amor hiere i porfia”¹⁰

Às margens portuguesas do Mondego, os pastores usam a língua espanhola. Esta escolha de idioma se faz dentro das prerrogativas humanísticas de difusão das letras ibéricas e está baseada no primado do idioma espanhol para a expressão poética - o caráter mais melo-

⁸ VASCONCELOS (1885: 849)

⁹ Ibidem, p. 457

¹⁰ Montemor, in VASCONCELOS (1885: 658)

dioso da língua castelhana em relação ao português - mencionado desde à abertura da carta de Montemor:

“Aora es digna cosa, oh pluma mia,
Que os afineis, mostrando mis concetos
Con arte, ingenio, estilo i melodia,”¹¹

A alusão não escapa a Sá de Miranda que hesita em responder por que pensa no leitor que, ao cotejar a rudeza e secura dos seus versos com a melodia harmoniosa dos do músico Montemor, *alce ouvidos à resposta*, notando a supremacia melódica deste último:

“No disimularé la verdad clara:
Iendo te a responder, atras bolvia,
Viendo tu pluma quanto que me alzara;
Temia (lo que aun temo) que diria
El que oidos alzara a la respuesta:
La tierra tan preñada que paria?
Soltó se en risa todo; [...]”¹²

A iniciativa da correspondência parte de Jorge de Montemor que não deixa alternativa a uma não resposta mirandina, proibindo-lhe o silêncio:

“Mui confiado estoi, de ti esperando
Respondas a mi letra por honrar me
Pues d’ escrever te io me estoi honrando.”¹³

E Sá de Miranda se vê forçado a responder:

“Forzado a responder te en fin me muevo.
Ierro a sabiendas, van i vien sudores,
Agora el huelgo, ora la pluma pruevo.”¹⁴

¹¹Ibidem, 653

¹²Sá de Miranda, in VASCONCELOS (1885: 455)

¹³Montemor, in VASCONCELOS (1885: 657)

¹⁴Sá de Miranda, in VASCONCELOS (1885: 455)

Aqui o processo torturado de composição de Sá de Miranda se evidencia nas suas idas e vindas, nos suores e no rigor da composição, na imagem do “ierro a sabiendas”: a sabiendas quer dizer propositalmente. O poeta erra sabendo que erra, erra de propósito, lançando mão de um experimentalismo poético.

Tudo isto contrasta com a facilidade do estilo de Montemor:

“A Francisco de Sá el de Miranda
 Escrivo, aunque a mi ingenio le parece
 Que a mas de lo que puede se desmanda.
 I si a vos, pluma mia, os enflaquece
 El temor de la empresa, enfin fortuna
 En los maiores casos favorece.
 Estad ia sin temor de cosa alguna,
 Que, por bajo que sea nuestro estilo,
 La causa lo alzará que es qual ninguna.
 I pues mi ingenio veis que en esto afilo,
 Que es sin comparacion, podeis creer me
 Que Atropos no podrá cortar me el hilo.”¹⁵

No estilo de Jorge de Montemor a fluidez é uma constante. No passo citado, a pluma do poeta conta com a ajuda da fortuna e, assim, a seqüência do seu discurso não é cortada sequer por Átropos, a terceira Parca que cortava o fio da vida. O engenho de Montemor é a sua afinação com a melodia italiana.

Num elogio às Letras e *À Diana* de Montemor, Sá de Miranda re-significa Montemor, lembrado agora por esta obra, e não pelo Abade D. Juan de Montemor. Para quem não sabe convém recordar a lenda deste baluarte da identidade religiosa portuguesa. Citemos o resumo de Carolina Michaëlis de Vasconcelos:

¹⁵Montemor, in VASCONCELOS (1885:653)

“O sancto abbade dom João é um famoso vulto legendario do seculo IX. Quando Abd-er-Rahman, califa de Cordova, sitiava em 843 a villa de Montemôr-o-Velho, com um poderoso exercito, o abbade do mosteiro de Lorvão, tio de D. Ramiro I de Leão, defendeu heroicamente o castello, cujo governador era. Mas vendo ser impossivel resistir por mais tempo, mandou aos habitantes da villa que degolassem mulheres, crianças e velhos, para os subtrahir á fome e á escravidão. Depois d’este cruel sacrificio lançaram-se desesperadamente aos mouros, que foram desbaratados. Conta a lenda que, quando entraram de novo na villa, acharam resuscitados todos os que haviam degollado; e em commemoração d’este milagre celebra-se em Montemôr todos os annos a festa de Nossa Senhora da Victoria, alias *festa do abbade D. João*.”¹⁶

Os descendentes dos degolados nasceram com um fio em volta do pescoço, corroborando o milagre.¹⁷

Sá de Miranda parece negar a dignidade da *lusitanitas* através da lenda do Abade D. Juan de Montemor,

“Fue Montemaior ia mentado en guerras
Del santo abad Don Juan (cuenta se asi);
Agora deja atras aguas i sierras.
Quando los moros lanzavan de aqui,
(Ah los muchos pecados de cristianos!)
Quedó se el leal monte en salvo alli.”¹⁸

Na correspondência de Sá de Miranda com Jorge de Montemor a lenda do Abade Juan de Montemor não parece ser vista como índi-

¹⁶ VASCONCELOS (1885: 849-50)

¹⁷ VASCONCELOS (1923: 7, n. 4)

¹⁸ Sá de Miranda, in VASCONCELOS (1885: 456)

ce do humanismo lusíada de quinhentos. Estaria Sá de Miranda professando um erasmismo¹⁹, ao recusar qualquer guerra entre humanos? O comentário do poeta entre parenteses está apontando para os pecados de cristãos no contexto das guerras santas do Abade? A isto não chegará nenhum quinhentista, nem mesmo o próprio Sá de Miranda, em outros passos de sua obra.

Fernão de Oliveira considera a lenda do Abade como índice medieval do humanismo lusíada. Depois de se referir ao grande lusitano Viriato, o gramático alude à lenda do Abade João do século IX, símbolo da religiosidade portuguesa no âmbito peninsular, baluarte cristão na Espanha mulçumana, conforme o *Cantar do Mio Cid*.²⁰

“E so esta nossa terra Portugal na espanha quãdo os godos com seus costumes barbaros e viciosos perderão a espanha teve sempre bādeyra nu[n]ca sogeyta a mouros Mas muytas vezes contrelles vitoriosa: como foy a do sancto Abade Dom Joan de Mõte mor: o qual confissão todos q[ue] corria a terra dos mouros como de imigos e não como de senhores. E esta e a verdade q[ue] em Portugal se[m]pre ouve lugares e terras proprias dos christãos porq[ue] se assi nam fora q[ue] na estremadura não ouvera lugares de christãos não se atrevera o abade Joam q[ue] era home[m] prudente a sayr tras seus imigos por suas terras desses imigos por espaço de jornadas com pouca gente.”²¹

O primeiro gramático afirma a primazia dos valores religiosos medievais sem criticar o caráter desumano e anti-cristão da guerra contra o infiel - guerra santa justificada, pela sua intenção evangélica, por todos os humanistas quinhentistas portugueses. A dignidade

¹⁹ MARTINS (1973: 23-6, 32)

²⁰ VIEIRA (1966 :XXXVIII)

²¹ OLIVEIRA (1988. Cap. III)

da *lusitanitas* estava na expansão da fé Cristã, ainda nos moldes das cruzadas. Sá de Miranda, ao criticar os pecados dos cristãos no contexto das guerras santas, reivindicaria a dignidade da *humanitas*, anterior à representação religiosa, étnica ou imperial, professando um irenismo?

Em 1553, depois do massacre do Monte de Condessa, onde o poeta perde o seu primogênito, o espírito cruzadista justifica, nas composições mirandinas sobre o caso, o sacrifício do filho pela expansão da fé, através da luta contra o infiel. A crítica da *lusitanitas* apoiada na guerra contra o infiel não está presente nos textos que se referem ao massacre de 1553.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1885: 850), ao comentar este verso da resposta de Miranda a Montemor, não o refere ao contexto das guerras santas e sim a um dado exterior ao texto. Para ela “os muitos pecados dos cristãos” referem-se à destruição do castelo pelo rei D. Fernando magno que mandara destruir o castelo até os fundamentos para que nenhum Mouro lançasse de novo do castelo, explicando o verso, “Quedó se el leal monte en salvo alli”.

Se o intérprete desconhece esta circunstância da história, pode depreender, deste passo da resposta de Sá de Miranda, uma crítica erasmiana às guerras santas? Mas esta hipótese não é plausível no contexto da obra mirandina destes derradeiros anos 50, em que a morte do filho foi chorada tão estoicamente, numa aceitação resignada do mandado divino! O elogio de Miranda a Montemor passa por uma aceitação da superioridade renascentista das letras sobre as armas: Montemor-o-velho será lembrado por suas letras e não pelas guerras (santas). Montemor o velho não será agora lembrado pela lenda do Abade guerreiro, mas sim pela obra deste pastor luso-castelhano dos campos do Mondego, ou seja, não será “mentado en guerras” e sim em letras.

Preso aos dogmas do humanismo cristão lusíada, isto é, à defesa da *lusitanitas* através da guerra-santa contra o infiel, o poeta classifi-

cou as lendas e contos mouriscos como maravilhosos na seqüência de sua correspondência com Jorge de Montemor:

“Marsilio de gran nombre entre paganos
Del Ebro a la ribera puso silla
Ia raia entre Cartago i los Romanos.
Entraron Maometanos por Castilla,
De Amor i Marte fiero huvo aventuras:
Quien cre, quien no lo cre, se maravilla.”²²

A resposta mirandina pretende servir a Jorge de Montemor, tratado como um grande autor, cuja obra faz evocar relações literárias:

“Hasta tanto llegué por tu sabor
Que todo es en Marfida! he te servido
Si mal no deprendi las leis de amor”²³

Através de um jogo com a seqüência fonética *Mar-*, presente no nome da pastora cantada por Montemor em seu Cancioneiro, Marfida, e também no de Marsílio, rei mouro que reinou às margens do Ebro, e no de Marfisa, personagem de famoso poema renascentista, Sá de Miranda pretende mostrar até onde a leitura das obras de Jorge de Montemor o levaram em termos de reflexão, através de uma associação desencadeada fonologicamente (vv.35-75).

Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1885: 850) anota que Sá de Miranda dá saltos mortais para relacionar a Marfida de Montemor com a região de Montemor. Note-se, portanto, que o elo que une as associações mirandinas é orientado pela repetição da seqüência *Mar-*, altamente comprometida com a mentalidade ibérica quinhentista, fascinada pelo mar. A própria Marfida, a amada de Lusitano nos cancioneros de Montemor, não deixa de ser uma personificação da pátria portuguesa, dentro das prerrogativas do humanismo lusíada e do

²²Sá de Miranda in VASCONCELOS (1885: 456)

²³Ibidem p. 457

espírito cruzadista, difundindo a fé cristã através dos mares: “El mar de perfeccion i gentileza, / Fida por la mas fiel que nadie vido, / Suma lealtad de fe i de firmeza.” (Montemor, in VASCONCELOS, 1885: 656).

Sá de Miranda buscava um assunto para tratar com Montemor: encontrara o ponto de vista pastoril, a re-significação de Montemor, as evocações da seqüência *Mar-*. O amor, área temática dominada pelas obras de Montemor, será outro assunto tratado na resposta mirandina. A grandeza de *A Diana* estava baseada na sua terapêutica amorosa, na sua tipologia dos doentes de amor, na qual o poeta da Tapada se inclui como um dos loucos.

“Uno de los sus locos, no lo niego.
I aun aora, la memoria quando
Buelvo por las pisadas que atras dejo,
Lo que me hago no sé si ando o desando.”²⁴

A loucura amorosa na *A Diana* não assume o tom trágico que se encontra no sujeito poético das trovas mirandinas, dilacerado pela perda da autonomia subjetiva. Na novela pastoril, o louco de amor, aquele que ama sem ser correspondido, acaba despertando o riso. O tema é apresentado a partir de um cantar-velho:

“Amor louco, e amor louco,
eu por vós e vós por outro.

Ser eu louco é caso visto,
por vós quem o não será?
Que maior loucura está
em não ser louco por isto.
Mas contudo não resisto,
ando louco
por quem é louco por outro.

²⁴Sá de Miranda in VASCONCELOS (1885: 457)

Se vos vejo e não me olhais,
 porque não morro, morreis;
 comi a quem desdenhais
 com molho do que quereis.
 E com isto me fareis
 ser tão louco
 como louca sois por outro.

Quando Montano acabou, e apesar de estarmos padecendo, não nos pudemos ter que não nos ríssemos.”²⁵

Se nas éclogas mirandinas e também nas cartas há uma defesa dos valores racionais diante dos desmandos da paixão, tanto nas trovas mirandinas como nos sonetos em espanhol, a loucura amorosa atinge outros níveis psicológicos: expressa um profundo sentimento de descrença em relação aos valores racionais, que “desfalecem” diante das “coisas muito grandes”:

“Que la mi vida se asuele
 Sin razon que ansi lo quiera!
 Io me pene, io me muera!
 Que nadie no me consuele,
 Ni porque ansi me acontece
 Ninguno me lo demande!
 Que en toda cosa mui grande
 Toda razon desfalece.”²⁶

Na *Fábula do Mondego*, Diego demonstra um tipo de loucura que, ao dilacerar o sujeito, lembra o tópico do “imigo de si” :

“Ivase Diego así devaneando
 por sus locuras, que cabo no tienen,
 unos y otros cansancios sin provecho,

²⁵ Montemor, in VIEIRA (1966: 46-7)

²⁶ Sá de Miranda, in VASCONCELOS (1885: 18)

los unos idos, los otros que vienen,
 consigo de contino peleando,
 va batalha cruel dentro en su pecho.”²⁷

A referência hiperbólica à sabedoria mirandina dá ensejo a uma anedota de Sá de Miranda. O poeta declara ter hesitado em responder à carta de Montemor que muito o elogiava. Depois da tirada de humor - uma releitura da imagem de Horácio: “a terra tão prenhada que paria” (Vasconcelos, 1885: 849), Miranda reprova o elogio fácil, aproveitando para dar mais uma de suas lições de ética e de moral:

“La tierra tan preñada que paria?
 Soltó se en risa todo; tanto cuesta
 Esperar mucho viendo por de antojos.
 Quanto a mi, quien me loa, me amonesta,
 Poniendo me delante de los ojos
 Como en pintura lo que seguir devo;
 Que en traje de loores son abrojos.”²⁸

Que espinho trazem a Sá de Miranda os elogios hiperbólicos de Montemor? O da sua dificuldade com o ritmo italiano?

Em suma, nesta correspondência, os pontos centrais da expressão luso-castelhana são levantados: o favor das princesas castelhanas, a maior difusão e melhor melodia do idioma castelhano para a expressão poética e a defesa do humanismo lusíada. Salientamos ainda que a inclusão de Miranda como um dos loucos de Montemor não deve ser lida ao pé da letra, pois a loucura amorosa na “pluma” mirandina atinge um nível de dilaceramento psicológico mais profundo, no tema do “imigo de si”. A correspondência ainda se desdobra na questão da busca do ritmo italiano por Sá de Miranda.

²⁷Sá de Miranda (1976, Vol. 1: 84)

²⁸Sá de Miranda, in VASCONCELOS (1885: 455)

Forjada durante a aventura marítima quatrocentista e o apogeu e a queda quinhentistas, a identidade imperial lusíada funda-se, através da poesia portuguesa, em um ciclo que vai de Sá de Miranda a Camões, autores bilingües. Da atuação de António Ferreira em prol do cultivo do português como idioma literário até a edição de *Os Lusíadas* em 1572, chega-se à concepção de patriotismo anunciada por Fernão de Oliveira: a de que o idioma natural poeticamente cultivado e ensinado é a maior garantia do êxito dos impérios. Nesse fim de século XVI, a língua, companheira do império, passa a ser um dos elementos definidores do nacionalismo. A expressão poética lusocastelhana torna-se inoportuna (mas continuará a ser praticada durante a União Ibérica) porque é um engrandecimento da língua de outra nação. A esse respeito é ilustrativo o dístico de Lope de Vega sobre o uso do castelhano n' *A Diana* de Montemor, primeiro romance pastoril, escrito por um português em espanhol, na primeira metade do século XVI. A crítica de Lope de Vega assinala a mudança de mentalidade: "Monte Mayor con su Diana / Ennoblecíó la lengua castellana". Esta obra foi um sucesso editorial: conhecem-se 17 edições quinhentistas de *A Diana*, sendo três feitas em vida de Jorge de Montemor.²⁹ Como o *Amadis de Gaula*, a obra de Montemor influenciou o rumo da literatura européia. Este romance pastoril foi salvo do fogo pelo escrutínio do Cura e do Barbeiro na biblioteca de Dom Quijote, por ser o primeiro romance do gênero. A sátira cervantina não poupa o discurso e o filtro amoroso da Sábia Felícia, que, apesar de serem fundamentais para a estrutura da novela de Montemor, deveriam ser suprimidos.

Houve um tempo em que Jorge de Montemor esteve entre os pastores do Mondego, mas agora era uma celebridade européia. Sá de Miranda despede-se de Jorge de Montemor como de um zagal da Extremadura, usando a imagem do sol do sujeito, por conta da conjugação de amor e poesia: .

²⁹ VIEIRA (1966: XXVI)

“A ti las diosas de la poesia
I a tu Marfida os haran inmortales:
Que nunca le anochezca al vuestro dia!”³⁰

O único poeta que trata Sá de Miranda como igual em honra, não deixa de procurá-lo como mestre. Jorge de Montemor vem pedir a ciência humanista de Sá de Miranda. O fim da resposta de Miranda aponta para um dos pontos definidores da mentalidade humanista, a superioridade dos homens sobre os animais, pelo menos em relação a alguns sentidos, como o da cultura:

“En lo del cuerpo d’estos animales
Que dizen brutos, mucho atras quedamos
En un sentido; mas otros iguales
Hemos de confesar, que no queremos!”³¹

RÉSUMÉ: Dans la correspondance entre Sá de Miranda et Jorge de Montemor on surprend les caractéristiques de la production littéraire luso-catillane dans la première moitié du XVIème siècle, à savoir: l’appui des princesses de Castille; la diffusion et la mélodie de l’idiome castillan, et la défense du point de vue lusitanien.

BIBLIOGRAFIA

- MARTINS, J. V. de Pina. *Humanismo e Erasmismo na Cultura Portuguesa do século XVI*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.
- OLIVEIRA, Fernão de. *Gramática da lingoagem portuguesa*, 1a ed. 1536. Edição fac-similada. Lisboa: BNL, 1988
- SÁ de MIRANDA, Francisco de. *Obras Completas*. 4a ed. Lisboa: Sá da Costa, 1976. Vol. 1

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*. Halle: Max Niemeyer, 1885.

———. *A. Fernandes Tomás e a lenda do Abade D. João de Montemor*. Coimbra: Tipografia Reis Gomes, 1923.

VIEIRA, Afonso Lopes. *A Diana, em português*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 1966.